

» Para evocar as contribuições de Víctor Guerra



Como aconteceu com Mozart ou José Bleger, a morte prematura não conseguiu impedir que Víctor Guerra (a partir de agora VG) nos deixasse um valioso legado potente e original.

Pode-se argumentar que seu referencial originário foi a observação de bebês (ou o desenvolvimento do psiquismo primordial), como o foi para Esther Bick; ou a relação paterno-filial, como no caso de Freud com Hans; ou, décadas mais tarde, a compilação intitulada *Cuerpo, historia, interpretación: Piera Aulagnier. Del imaginario al proyecto identificador* (Hornstein et al., 1991). No entanto, é mister registrar que VG cozinhou os ingredientes com seu perfil pessoal e valioso.

Explorar o tempo *infans* (0 a 3 anos) tem suas lógicas e dificuldades específicas. Não podemos tratar nosso rebento como um *alter ego* ou semelhante, já que a imaturidade do neonato interpõe uma assimetria radical no vínculo e cria uma expressividade virginal e desconhecida. Por isso, nossos achados são sempre conjecturais. (Antigamente eludíamos a dificuldade naturalizando esse tempo com a alternativa do constitucional e do adquirido). Hoje, exploramos essa fronteira ou conjecturamos como se inscrevem as experiências primitivas, criando o conceito de identificações arcaicas.

Esther Bick assinalou a observação objetiva do positivismo procurando minimizar a ingerência do observador no campo de estudo, criando assim um cenário panóptico. Diferentemente desse enfoque, o de VG procurava traduzir de viva voz uma narrativa da situação em curso, verbalizando gestos, atitudes, sons que visavam expressar as emoções e representações vigentes na cena protagonizada pelo bebê e seu(s) adulto(s), e o terapeuta.

Entendo que esta postura traz em seu acionar o princípio dialógico de Mijaíl Bajtín, que já tinha também se expressado (com paixão e sagacidade) por certas figuras relevantes da psicanálise rio-platense – H. Racker, M. e W. Baranger, José Bleger. Na observação dialógica, a resposta emocional e cognitiva do observador é uma aresta essencial da observação. É por isso que os colegas e alunos que o acompanharam e admiraram em sua aventura criativa se nutriram tanto da frescura de sua produção oral como da leitura de seus textos.

O começo da carreira de VG foi em um renomado centro de perinatologia, e continuou por longos anos em um jardim de primeira infância – bem nomeado de Maternalito –, de acordo com o modelo familiar dos tempos atuais, que inclui ambos os pais imersos muitas horas no mercado de trabalho, em contraste com a família tradicional do pai *breadfeeder* e a mãe no lar.

Suas afinidades com a medicina e a educação, não obstante, não o impediram de submergir em um terceiro vértice de apaixonamento pela literatura e pela poesia, que acompanharam seus textos e suas aulas. Com essa trajetória e sua bagagem vivencial, começou a construir sua tese de doutorado na Universidade Paris-Descartes, tarefa já avançada que a morte interrompeu.

* Psicoanalista de la Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Como testemunho do afeto que semeou, um grupo numeroso de seus colaboradores no Mercosul e na França retomou a tarefa que a morte deixou truncada e, reunindo textos e anotações, conseguiu uma edição póstuma, tanto em francês como em espanhol.

Uma das consequências desta longa e lúcida experiência foi a de sistematizar as conquistas e os *impasses*, os progressos e os fracassos nos processos de maturação e vinculares que o neonato vai desenvolvendo a partir da imaturidade originária e durante os primeiros quatro semestres de sua vida, que o autor designa com o nome de *indicadores de intersubjetividade*. De acordo com Piera Aulagnier, *há teorias que podem cadaverizar um texto vivencial*. O rótulo adotado pode sugerir uma analogia com os DSM (por suas siglas em inglês de *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais*), cuja fria descrição de sintomas os objetiva e aliena. Existe uma observação descritiva e outra que é compreensiva.

Então, de maneira oposta, o texto de VG acarreta o desassossego e o entusiasmo que o acesso à intimidade precoce acaba por produzir. Texto, gesto, fraseio e ritmo naqueles nos quais ele acompanha as cadências da comunicação, gestual e verbalmente. (Interpretar, por acaso, não é isso?). A sequência aponta e ilumina a intimidade do vínculo – terno ou hostil – que define o mais essencial de nossa espécie.

Com este enfoque, os analistas de infantes poderão discernir mais claramente as conquistas e fracassos de um *ser* relacional em desenvolvimento e em processo de maturação com a mielinização do sistema nervoso central (SNC) que transforma o quadriplégico em atleta e o pensamento animista sincrético dos inícios que compartilhamos com os seres primitivos, até chegar ao pensamento simbólico, no qual se definem (parcialmente) as fronteiras entre a mente, o corpo e o mundo exterior. Usamos *sincrético* para qualificar essa experiência interior na qual não se definiram as fronteiras (a separação do psiquismo com o corpo e com o mundo exterior).

As escalas esboçadas ou sistematizadas nestes indicadores são uma valiosa ferramenta para ajudar famílias e pediatras na detecção e no tratamento do que – se me lembro bem – agrupa-se sob a *label* de Transtornos do Espectro Autista como conquistas ou fracassos do psiquismo primordial.

Para os analistas que só trabalham com adultos e adolescentes, os textos de VG sobre psiquismo primordial constituem um marco na bibliografia sobre casos limite, abundantes na atualidade de nossa prática, provavelmente em consonância com a cultura de um viver acelerado.

Como destaca Alberto Konicheckis, esta realidade arcaica não se limita ao bebê e não termina nele, mas sim, se formula e estrutura uma experiência primordial que VG chama de *complexo do arcaico*: emoções ancoradas na sensorialidade e ritmicidade do corpo, experiências primitivas que nos habitam e acompanham por toda a vida.

Os trabalhos de Green com Urribarri na Associação Psicanalítica Argentina (APA), seu livro *La folie privée* (Green, 1990) e a compilação de Anne Brun e René Roussillon, *Aux limites de la symbolisation* (2016) são contribuições na mesma direção, essenciais para uma psicanálise do século XXI.

REFERÊNCIAS

- Brun, A. e Roussillon, R. (2016). *Aux limites de la symbolisation*. Paris: Dunod.
- Green, A. (1990). *La folie privée: Psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard.
- Green, A. (2012). Green en APA: Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo (entrevistas). *Revista de Psicoanálisis*, 69(1).
- Guerra, V. (2018). *Rythme et intersubjetivité chez le bébé*. Paris: Érès.
- Guerra, V. (2020). *Vida psíquica del bebé: La parentalidad y los procesos de subjetivación*. Montevideo: Asociación Psicoanalítica del Uruguay.
- Hornstein, L. et al. (1991). *Cuerpo, historia, interpretación: Piera Aulagnier. De lo originario al proyecto identificador*. Buenos Aires: Paidós.